

# Leitura e sociabilidade no alto sertão da Bahia: A biblioteca do *Club Rio Contense* (1902-1990)

*Simone Ramos Marinho*

Universidade Federal da Bahia

Salvador – Bahia – Brasil

monermarinho@yahoo.com.br

---

**Resumo:** Para além de lugar de memória e de preservação do patrimônio intelectual, a biblioteca configura-se como um espaço de democratização do conhecimento. Em 14 de janeiro de 1902, era oficializada a criação da biblioteca do *Club Rio Contense*, a primeira da cidade de Rio de Contas, Alto Sertão da Bahia. Esta instituição estabeleceu uma nova forma de sociabilidade para a região, e deu início, ainda que de forma incipiente, à penetração da leitura naquela comunidade sertaneja. Por isso, propõe-se discutir, a partir da perspectiva da historiografia da leitura, a importância dessa iniciativa e, também, analisar como este novo espaço de sociabilidade contribuiu para fomentar o desenvolvimento da vida social e cultural desta cidade ao permitir a circulação da leitura.

**Palavras-chave:** Rio de Contas; biblioteca; sociabilidade; leitura.

---

## Introdução

O reconhecimento da importância da leitura e da sua propagação entre os cidadãos de uma sociedade é condição indispensável para que esta se desenvolva. Ainda que marcada por um tom iluminista, esta afirmação é válida e pertinente. Da mesma forma, resgatar e problematizar as iniciativas deste tipo, ao longo da história, para se tentar compreender como este processo ocorreu em contextos específicos, também é de suma importância.

As práticas de leitura e da escrita foram transformadas em perguntas pelos historiadores, os quais por seus estudos dedicados ao livro e à leitura, cada vez mais heterogêneo, delinearam um novo campo de pesquisa historiográfico. A ampliação da perspectiva de seus objetos levou ao desenvolvimento de metodologias que fossem capazes de incorporar a pluralidade de fontes que marcaram o século XX. Assim, no bojo da renovação dos *Annales*, a história do livro passou a dialogar tão intrinsecamente com disciplinas auxiliares que, como afirmou Robert Darnton (1990, p. 111), já não é possível definir seus contornos gerais.

Prova disso, é a ampliação do olhar do pesquisador para o objeto do livro. Se, ao longo do século XIX, o interesse pelo livro dava-se pela sua importância enquanto objeto material, no século seguinte a análise ampliou-se de tal sorte a transcendê-lo enquanto produto. Numa primeira fase, a partir das transformações historiográficas propostas pelos *Annales*, sobretudo a partir da década de 1960, uma nova corrente de historiadores do livro procurou descobrir um modelo geral da produção e consumo do mesmo. Darnton dividiu tais estudos em dois tipos principais: um macro, baseado em séries quantitativas; e, outro, microanalítico, primando pelo detalhismo. Apesar da contribuição destes modelos para se compreender os hábitos de leitura ao longo da história, eles deixam a desejar, segundo o historiador, seja pelas generalizações (macro), seja pelo excesso de detalhes (micro) (DARNTON, 1990).

Segundo Roger Chartier (1999, p. 27), o problema estaria no fato de se analisar a presença desigual do livro entre os grupos que compõem a sociedade. Para ele, dever-se-ia considerar as diferenças nas práticas mais que nas diferenças estatísticas. Ao pesquisar, por exemplo, listas de subscrição ou de assinaturas de empréstimos de determinada biblioteca particular, o historiador corre o risco de reduzir sua explicação somente a elementos ligados ao perfil socioprofissional, ou seja, a fatores sociais construídos *a priori*. Por outro lado, ao incluir uma preocupação com a materialidade dos textos e com as distinções das práticas de leitura, ele será capaz de reconhecer a multiplicidade dos princípios de diferenciação que podem explicar as distâncias culturais – ao invés de critérios apenas de classificação social, podem ser analisados outros tais como: gênero, sexo, geração, etc. (CAVALLO&CHARTIER, 2002, p. 8).

Estas considerações chamam a atenção para a historicidade da leitura, uma vez que esta é, também, uma prática social. Os dois tipos de estudo definidos por Darnton (1990) – o macro e o micro – indicaram respostas para “quem” e “o quê” se lia. Com o avançar das pesquisas, em especial, a partir das conclusões de Chartier (1999) sobre as diferentes práticas e a implicação dos suportes materiais para a leitura, tem-se a possibilidade de se chegar aos “comos” e aos “porquês”, indagações mais difíceis de serem respondidas.

Pode-se, então, começar a buscar explicações a partir do “onde” da leitura, pois a “contextualização do leitor em seu espaço pode fornecer indícios sobre a natureza de sua experiência” (DARNTON, 1990, p. 156). Em virtude da dificuldade do acesso ao livro e à alfabetização, a leitura, por muito tempo na história, foi uma atividade social e oralizada. Na medida em que estes dois elementos se difundiram, desenvolveram-se novas práticas de leitura por causa da nova relação com o impresso. Não eram mais necessários mediadores, o que permitiu o recolhimento e a intimidade.

A nova cena, porém, não implicou o descarte, puro e simplesmente, de práticas tradicionais, como a leitura em voz alta, por exemplo. Esta última, entre os séculos XVI e XVIII, “num grupo de amigos diletos ou de companheiros casuais, torna-se um dos elementos essenciais da sociabilidade”, sendo o mesmo para as famílias (CHARTIER, 1991, p. 148). O uso social do livro continuou comum, haja vista que poucos podiam se dar ao luxo da experiência privada de ler. Somente um pequeno número de pessoas cultas podia comprar livros (DARNTON, 1990, p. 158) e, assim, desenvolveu-se a aliança entre a prática mais privada – ler o livro – e o poder mais autêntico – os livros passaram a significar instrumentos de poder (CHARTIER, 1991, p. 138).

A biblioteca, local por excelência do retiro, onde se tem o livro como companheiro privilegiado de uma intimidade inédita, foi uma realidade restrita até bem pouco tempo. Na Antiguidade e na Idade Média, ela era símbolo de poder e acúmulo de conhecimento por uma elite privilegiada – período das bibliotecas reais limitadas à Corte e à formação da realeza (ANDRADE, 2009, p. 26). O sonho de poder reunir todos os livros e saberes acumulados numa única biblioteca atravessou a história da civilização ocidental (CHARTIER, 1999, p. 67). Com o crescimento da produção editorial, propiciado pela imprensa, a produção e circulação de livros se alteraram, acarretando, portanto, uma transformação associada à leitura, como afirmado. No século XVII, “a biblioteca ganhou uma existência própria, [...]”, quando surgiram as primeiras bibliotecas públicas, patrocinadas pelos mecenas” (ANDRADE, 2009, p. 27).

A partir do final do século XIX, com a aceleração do processo informacional, as bibliotecas buscaram acompanhar as mudanças e isso propiciou uma alteração da sua relação com o público. Segundo Rosane Andrade (2009, p. 27), as “bibliotecas-depósito com acervos de livros raros, manuscritos acessíveis a uma elite de sábios e eruditos, abre espaço para as bibliotecas públicas destinadas a atender a comunidade em geral, disponibilizando o acesso ao seu acervo”. No Brasil, esta autora lembra que a trajetória das bibliotecas iniciou-se com as ordens religiosas, com as bibliotecas dos conventos – em virtude da função dos religiosos para a formação letrada das pessoas. Embora também houvesse as bibliotecas privadas.

Com a abertura das portas da Real Biblioteca, em 1814, por ordem do Príncipe Regente D. João, a leitura passou a ser franqueada ao público em geral e a biblioteca perdeu o caráter de particular, apenas ligada à formação da realeza (ANDRADE, 2009, p. 30-31). Neste ínterim, tanto no Brasil quanto na Europa ocidental, até a democratização do livro e das bibliotecas, a solução muitas vezes foi a criação de gabinetes e clubes de leitura, onde se podia ler quase tudo, num ambiente social, por um pagamento mensal. “Uma boa iluminação, algumas cadeiras confortáveis, uns quadros nas paredes e a assinatura de meia-dúzia de

jornais bastavam para converter praticamente qualquer livraria num gabinete de leitura” (DARNTON, 1990, p. 158).

Os “clubes literários”, em geral, foram estabelecimentos mais sérios que os cafés, abastecidos de periódicos, alguns livros sobre temas como história e política, e forneceram bases sociais para o desenvolvimento de uma cultura burguesa. Os clubes eram locais para ler, socializar e discutir política, fenômeno que ocorreu dentre outros países na Inglaterra, Alemanha e França, desde o século XVIII, cujo auge ocorreu no século seguinte (NEEDELL, 1993, p. 95). Experiência semelhante foi vivida, também, no Brasil, tendo aqui se estendido até pelo menos o início do século XX.

Espaço de sociabilidade, principalmente, das elites, os clubes literários e recreativos funcionaram como locais de elaboração, integração e reafirmação de identidades sociais e políticas. Este artigo objetiva, especificamente, dissertar sobre um destes clubes, onde a leitura foi parte integrante deste tipo de sociabilidade. Propõe-se, então, estudar, a partir das perspectivas da Nova História da Leitura, a importância da biblioteca do *Club Rio Contense*, localizado no município de Minas do Rio de Contas<sup>1</sup>, região do Alto Sertão da Bahia<sup>2</sup>. E, ainda, analisar como este novo espaço de sociabilidade contribuiu para fomentar o desenvolvimento da vida social e cultural desta cidade ao permitir a circulação da leitura.

É importante esclarecer que o modo como concebemos a sociabilidade neste estudo aproxima-se das investigações propostas por Maurice Agulhon, historiador que historicizou este termo de raízes marcadamente sociológicas. Evidentemente influenciado pelas proposições de Georg Simmel, no que diz respeito à forma lúdica da sociação, Agulhon entende a sociabilidade, em linhas gerais, como a capacidade de homens (e mulheres) se relacionarem em grupos. Ao decorrer da sua pesquisa, este autor reconheceu que a “sociabilidade não está ligada somente à vida das associações, mas que há outras formas de sociabilidade informais que não pertencem às associações” (MÜLLER, 2010, p. 35). Ela pode ocorrer em três níveis: formal, informal e semiformal. O *Club Rio Contense* enquadra-se no primeiro deles, apesar de ter se integrado a outros espaços informais, num único sistema ou, pelo menos, um sistema de sociabilidade integrado entre si.

---

<sup>1</sup> Como o atual município de Rio de Contas foi denominado até 1931. Uma vez que a pesquisa abrange um período posterior a 1931, daqui em diante usaremos a nomenclatura atual do município.

<sup>2</sup> Tomamos emprestada a expressão utilizada por Erivaldo Fagundes Neves (2008), o qual denomina por Alto Sertão o recôndito do interior; o autor referencia-se à sua “distância do litoral, talvez com os reforços da posição relativa ao curso do rio São Francisco e do relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes do Nordeste do Brasil” (NEVES, 2008, p. 28).

## A biblioteca do *Club Rio Contense*: livros e leitores

*Assim como o alimento é indispensável ao corpo, o livro é uma necessidade da inteligência<sup>3</sup>.*

As palavras do Doutor José Basílio Justiniano da Rocha demonstram a consciência que o médico possuía acerca da importância do livro para a formação de um cidadão. Ciente da força poderosa de uma biblioteca, “aonde todos podem beber um pouco do saber”, o senhor Basílio da Rocha ajudou a criar a primeira biblioteca da cidade de Rio de Contas, que integrava o *Club Rio Contense*, sociedade literária, beneficente e recreativa, fundada oficialmente a 14 de janeiro de 1902.

Com base no associativismo voluntário, essa agremiação exerceu importante papel na sociabilidade do município de Rio de Contas, pois introduziu uma nova forma dos indivíduos se relacionarem entre si. As finalidades do *Club Rio Contense* foram elencadas no primeiro Estatuto, aprovado em Assembleia Geral de 31 de outubro de 1902. De acordo com o artigo 1º, eram elas:

- § 1º Fundar e manter uma biblioteca;
- § 2º Criar aulas diurnas e noturnas;
- § 3º Estabelecer sessões instrutivas;
- § 4º Ter uma sala especial para jogos lícitos e outra para exercícios de esgrima e ginástica;
- § 5º Organizar uma seção de beneficência denominada *Bolsa de Caridade*;

Esse Estatuto foi alterado posteriormente, ampliando seus objetivos, mas manteve a preocupação inicial de instruir e assistir aos necessitados. Pelas atividades prestadas à coletividade, o *Club* foi reconhecido como de utilidade pública pela Lei Estadual nº. 1.830, sancionada pelo governador Francisco Marques de Góes Calmon, a 07 de agosto de 1925.

Os sócios fundadores do *Club Rio Contense* foram homens que gozavam de prestígio naquela sociedade, tanto financeiro quanto intelectual, como é o caso do próprio médico José Basílio da Rocha. Foram eles os responsáveis pela elaboração dos estatutos da associação, pela doação dos primeiros livros à sua biblioteca, por providenciar um edifício para sede, enfim por fundar um novo modo de sociabilidade na cidade de Rio de Contas. Um tipo de

---

<sup>3</sup> Relatório da Presidência do Sr. José Basílio Rocha, referente ao ano de 1902.

associação voluntária que congregava lazer, instrução e beneficência em contraposição às formas tradicionais de sociabilidade que se restringiam aos divertimentos religiosos, como as festas de padroeiro e suas procissões, ou privados, como as serestas e saraus que ocorriam em casas familiares.

A elite rio-contense era reconhecida por sua posição econômica, política e nível educacional e se distinguia nas práticas culturais. A educação, o acesso ao livro, como mencionado, sempre significou um modo de distinção. Assim, saber ler e escrever, especialmente nessa realidade sertaneja do início do século XX, era um distintivo que impunha respeito. O *Club Rio Contense* constituiu-se num espaço social no qual os sócios expressaram e ostentaram tais traços distintos, uma vez que a maioria, pressupõe-se, sabia ler. Portanto, ser um associado, por si só, já implicava a posse de determinados atributos que o diferenciava.

Parte dos associados compartilharam experiências em diversos outros ambientes sociais. A maçonaria é uma possibilidade aventada neste estudo. Apesar de ainda não se ter encontrado comprovação documental, testemunhos orais indicam que alguns membros foram maçons, o que os ligam numa complexa rede de interações que incluía também os campos político, religioso e cultural. A maçonaria, instituição de caráter internacional e com objetivos filantrópicos e humanitários, chegou ao Brasil em meados do século XIX e seus membros participaram de eventos políticos importantes do país, como as articulações para a independência. Porém, em fins deste século e início do seguinte, assumiu uma função pedagógica de formação ideológica de seus membros, acentuando as atividades de auxílio mútuo e beneficência (BARATA, 1994).

As preocupações filantrópicas dessa instituição são coerentes com o ideal maçônico da virada do século XIX, o qual propunha o aperfeiçoamento intelectual e moral da humanidade. O exemplo da Bolsa de Caridade – seção de beneficência do *Club* – similar ao Tronco de Solidariedade, bolsa de coleta que circula nas reuniões maçônicas, e a própria criação da biblioteca são exemplos evidentes desta ligação. Por isso, ressalta-se o caráter elitista dessa associação, uma vez que, no início do século XX, as ações filantrópicas eram consideradas assunto dos ricos<sup>4</sup>, sendo que a própria maçonaria agregava pessoas mais

---

<sup>4</sup> Ao analisar o patrocínio privado à ciência no Brasil, especificamente o mecenato e a filantropia de Guilherme Guinle, no Rio de Janeiro, entre 1920 e 1940, Gisele Sanglard observa que, na virada do século XIX para o XX, a prática da filantropia ou o socorro para os desvalidos foi assunto dos “ricos” e fazia parte da cultura de elite, cabendo a este segmento social a missão de minimizar as mazelas da sociedade (SANGLARD, 2005).

progressistas e intelectualizadas. Entretanto, não se descartam intenções religiosas, visto a forte influência da Igreja Católica<sup>5</sup>.

Foram aceitos como sócios não só os moradores da cidade de Rio de Contas, mas também de regiões circunvizinhas. Para se associar ao *Club* era necessário possuir recursos, pois no ato da filiação os interessados deveriam ofertar uma determinada quantia que variava de acordo com o tipo da sociedade requerida, que poderia ser como efetivo, contribuinte, benemérito ou protetor<sup>6</sup>. Além disso, era pré-requisito saber ler e escrever, aspecto que evidencia, mais uma vez, o caráter elitista desta instituição, se pensarmos que o acesso a essas habilidades era limitado àquela época.

Todos os sócios fundadores eram homens. A presença de mulheres no *Club Rio Contense* foi registrada a partir de 1922, quando passaram a ocupar um papel de destaque dentro da *Bolsa de Caridade*, a seção beneficente. Os estatutos de 1902 e o de 1919, apesar de não proibirem, também não fazem referência explícita à presença feminina na instituição. Somente nos estatutos de 1932 é que o artigo primeiro deixará claro que a sociedade era “constituída por numero ilimitado de socios de um e outro sexo.” Mas, ainda assim, percebe-se uma tentativa de controle, pois as mulheres casadas deveriam apresentar comprovante de consentimento do marido para poderem fazer parte da agremiação.

No que diz respeito à prática da leitura, acreditamos que ela foi realizada pelas mulheres mesmo antes de serem admitidas como sócias, pois é possível que tivessem acesso ao livro trazido por seus parentes associados. Para elas, esta experiência ocorria no ambiente privado e reservado de suas casas e não socialmente na biblioteca do *Club*, como era para os homens. Apesar das tentativas de controle da mulher esta prática foi de certa forma tolerada:

A atividade da leitura, se bem que controlada, sob o olhar vigoroso dos homens e da sociedade ainda era permitida se comparada à da escrita. Esta última era vista perigosamente, pois de posse do seu conhecimento as mulheres poderiam fugir ao “controle” e agir independente deles, como por exemplo, escrever aos seus amados planejando fugas amorosas, o que representava grande temor aos homens nesta época (MARINHO, 2010, p. 57-58).

---

<sup>5</sup> A presença de três igrejas na pequena vila de Rio de Contas – a da Matriz do Santíssimo Sacramento, localizada na praça principal; a Igreja de Nossa Senhora Santana; e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, localizada anteriormente no Largo do Rosário – sinaliza para a forte influência católica sobre os moradores da cidade. Por isso, não podemos considerar apenas a influência da maçonaria.

<sup>6</sup> Tornar-se sócio do *Club Rio Contense* implicaria em direitos e deveres delimitados. O sócio Efetivo deveria ser residente na cidade, apresentar proposta de sociedade à Presidência que seria levada à Diretoria podendo ser aprovada ou não; sua contribuição, em 1902, seria com uma joia no valor de 5 mil réis e prestação mensal de 2 mil réis. Qualquer cidadão residente no subúrbio da cidade poderia tornar-se sócio Contribuinte, cumprindo o mesmo processo de admissão do Efetivo e sua contribuição seria apenas com uma joia de 6 mil réis anuais. O título de sócio Benemérito seria dado àquele que oferecesse ao *Club* de uma só vez a quantia igual ou superior a 50 mil réis ou prestar ao mesmo serviços que por isso merecesse o título. Similarmente, o título de sócio Protetor seria oferecido a qualquer pessoa que não residindo na cidade ou subúrbio ofertasse uma quantia inferior àquela que dava direito à benemerência. Havia um ritual de assinatura e entrega dos diplomas de sócios, sendo que só os Efetivos podiam votar e serem votados. Os valores eram atualizados sem perder a distinção entre os sócios. Ver: Estatutos de 1902.

A biblioteca do *Club Rio Contense* foi administrada pela Diretoria da referida agremiação e mantida com as finanças da instituição. Seu acervo foi formado, em sua maioria, a partir da doação dos sócios, embora no relatório de 1902, o então presidente José Basílio agradeça à Baronesa de Vila Velha<sup>7</sup>, uma mulher e, por isso, ao que tudo indica não associada, por sua oferta generosa. Os livros variavam desde ciência a poesias, tendo mais saída para empréstimo, numa análise preliminar, os romances, tanto nacionais quanto de autoria estrangeira.

De acordo com o § 2º do artigo 56 do Estatuto do *Club*, de 1919, os livros poderiam ser emprestados pelo prazo máximo de vinte dias, para os moradores residentes na cidade, e de trinta dias para os demais. Todavia, não só livros eram emprestados, pois jornais e revistas vindos de Salvador e do Rio de Janeiro, com certa regularidade, ficavam à disposição dos sócios residentes na cidade, e poderiam ser retirados por três dias.

Os empréstimos eram feitos somente aos associados, o que não significa que a leitura fosse realizada somente por estes, uma vez que, no período em que ficava sob sua guarda, é possível que o sócio emprestasse o livro a parentes e amigos não associados. Além disso, o costume da leitura oralizada pode ter alcançado um público ainda maior. As dificuldades tanto de acesso ao objeto do livro, quanto de aquisição da leitura fez com que se desenvolvesse uma “cultura auditiva” que interferiu, inclusive, na produção das obras que, na maioria das vezes, eram escritas para serem ouvidas e não lidas (SCHAPOCHNIK, 1994).

O bibliotecário, que deveria ser um homem de conhecimento notório, era o responsável pela guarda dos livros e a execução do regulamento interno da mesma. Também era de sua competência controlar o movimento do acervo, bem como conservar os bens da biblioteca em ordem, mediante elaboração de inventário, cujas faltas deveriam ser apresentadas à Diretoria do *Club*. Apesar de não ter formação própria, os sócios que exerceram tal cargo cumpriram com a tarefa de “tratar, organizar, conservar e divulgar as informações, criando catálogos, elaborando bibliografias, estabelecendo regras” (ANDRADE, 2009, p. 38).

A análise de tais documentos pode revelar a dinâmica da vida cultural da cidade de Rio de Contas e, ao mesmo tempo, a relação de seus moradores com as práticas de leitura – e, conseqüentemente, da escrita. Ao analisar as práticas de leitura desenvolvidas nesta cidade, a

---

<sup>7</sup> Trata-se, provavelmente, da senhora Carlota Joaquina de Matos, esposa do Barão de Vila Velha, Joaquim Augusto de Moura. Descendente das tradicionais famílias Moura e Albuquerque, que estão na origem da povoação da região de Rio de Contas, o barão era filho de Martiniano Moura e Albuquerque – morto por Leolino Canguçu no conflito entre Canguçu e Mouras, motivado pelo rapto da jovem Pórcia, tia de Castro Alves, na região de Bom Jesus dos Meira, atual cidade de Brumado – e irmão de José Honório de Moura e Albuquerque – assassinado em Rio de Contas, quando das lutas pela independência. Ver: TANAJURA, 2003, p. 123.

partir da criação da biblioteca pelo *Club Rio Contense*, em 1902, procurou-se pensar a leitura e a escrita enquanto práticas que trazem consequências variadas para o grupo social ou para o indivíduo que aprende a usá-las (BECKER, 2008, p. 37).

Uma vez reconhecido que a leitura tem uma história, e que ela “não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado, que deve variar de cultura para cultura” (DARNTON, 1992, p. 218), o que se propõe é desenvolver um método que permita pensar a experiência da leitura em Rio de Contas e sua ressonância para a vida social e cultural da cidade. Ou seja, refletir sobre em que medida a vida daquelas pessoas foi transformada pela prática da leitura.

Neste sentido, o modelo de Cavallo & Chartier (2002, p. 08) baseado na crítica documental é bastante inspirador. Para estes autores, os documentos devem ser lidos pelos historiadores levando-se em consideração sua historicidade, quer dizer, como textos escritos numa época diferente da dele, com intuítos diferentes entre autor e editor, que serviram a intenções diversas e, inclusive, foram apropriados diferentemente por seus leitores.

Embora a biblioteca do *Club* fosse privada, portanto, restrita aos sócios – o que pode não ter sido equivalente na prática – esta iniciativa foi igualmente importante por iniciar, ainda que de forma incipiente, a penetração da leitura naquela comunidade sertaneja. Diante dos elevados custos do livro, os gabinetes de leitura e bibliotecas foram uma alternativa para os leitores driblarem as dificuldades financeiras. Em geral, as pessoas associavam-se e, por uma quantia mensal, tinham acesso aos livros.

No caso rio-contense, os sócios além de depositarem uma joia no momento da associação, pagavam uma mensalidade para terem acesso a todas as regalias do clube que incluíam, além dos livros, os jogos de bilhar, eventos sociais e, também, a beneficência. A biblioteca do *Club Rio Contense* cumpriu, dessa maneira, seu papel fundamental, qual seja, o de possibilitar às pessoas o acesso à leitura, “através de seu acervo e, mais precisamente, por meio daqueles que são a mais fiel tradução do conhecimento disponibilizado no mundo: os livros” (BECKER, 2008, p. 36).

Tais práticas influenciaram a educação e formação das pessoas daquela região. A “educação” dos moradores de Rio de Contas foi um aspecto que, muito tempo antes, mereceu nota dos naturalistas Spix & Martius (1938, p. 138), os quais, durante uma viagem pelos sertões baianos, em 1818, demonstraram uma visão negativa dos sertanejos. Em passagem pelo município, os viajantes bávaros ressaltaram que a população de Rio de Contas “pela educação e riqueza, se distingue dos outros habitantes do interior da Bahia”.

Essa percepção foi, também, confirmada por José Basílio da Rocha, sócio fundador do *Club Rio Contense*, num relatório de 1902, onde afirmou que manter a biblioteca era mais

uma prova do “amor que tem esta terra às letras”. Como mencionado, esse jovem médico demonstrava consciência da importância do livro e da leitura. Suas palavras reforçam esta afirmação:

Segundo diz o illustre geographo Dr. Moreira Pinto, é rara a cidade de 1ª ou 2ª ordem por elle descripta em seo dictionario geographico brasileiro, que não tenha uma bibliotheca de accôrdo com as suas posses. Para os reconhecidos credits desta velha e pacifica cidade, amiga das letras, é questão principal da nossa associação manter uma bibliotheca, elevando-a tanto quanto o permittirem as suas forças<sup>8</sup>.

A criação de uma biblioteca, no início do século XX, numa sociedade rural e sertaneja indica certa erudição da sua população, mesmo se considerarmos que a maior parte desta não deveria ser alfabetizada. O que nos leva a fazer tal assertiva é o fato de que, neste período, a cidade já possuía pelo menos duas tipografias, tendo ambas publicado jornais, entre os anos de 1912 e 1927. Outro aspecto que chamou a atenção para a dinâmica da vida cultural daquele município foi a intensa atividade do Teatro São Carlos, também de propriedade do *Club Rio Contense*, que entusiasmava os moradores da região. E, ainda, as festas religiosas como a de *Corpus Christi* e da Igreja do Rosário.

Uma das definições do *Club Rio Contense* era a de ser uma sociedade literária, mas assim como em outras deste tipo que existiram no Brasil não significava uma associação de literatos, enquanto escritores, e, sim, de difusão das práticas de leitura. Apesar de seus outros objetivos, como a recreação e beneficência, este local de sociabilidade voltava-se para a leitura e discussão política. Dessa forma, a biblioteca do *Club*, considerando suas especificidades, exerceu funções semelhantes às dos cafés e *cercles* franceses<sup>9</sup>, no que diz respeito às acaloradas discussões políticas e ideológicas ali realizadas.

A iniciativa da criação dessa biblioteca pode estar ligada ao projeto de civilização arvorado no Brasil em meados do século XIX e que se estendeu até o início do XX. A necessidade de civilizar a nação, impondo hábitos e costumes estrangeiros, em especial, franceses, levou a um processo de modernização e urbanização que atingiu, aos poucos, mas com a mesma justificativa, as diversas partes do país, mesmo que em ritmos variados. Na Bahia, esse processo foi marcante no início do século XX e, por isso, podemos pensar que também atingiu Rio de Contas. Relativizações devem ser feitas quanto à sua intensidade, mas o fato de seus habitantes, especificamente, aqueles de maneira mais diretamente responsáveis por executar tal projeto, manterem uma comunicação e contato com a capital explica, em parte, a chegada e difusão destas “ideias progressistas”.

<sup>8</sup> Relatório da presidência do Dr. José Basílio Rocha, ano de 1902.

<sup>9</sup> Esse tipo de associação era identificado na França por *cercle*; em Portugal por *assembleia*; na Espanha por *casino*; e na Itália por *casin* (LOUSADA, 1998, p. 148; MÜLLER, 2010, p. 59).

Os gabinetes de leitura e bibliotecas públicas vieram gradativamente substituir a reunião de leitores em salas e salões das casas, as quais apesar de privadas, abriram-se para a esfera pública. Segundo Nelson Schapochnik (1994, p. 153):

Nas salas e salões, a recepção adquiria a função de veículo informal de disputa por cargos e privilégios, na qual se estreitavam alianças políticas, organizavam-se conspirações econômicas, tramavam-se sabotagens fiscais, estimulavam-se intrigas entre concorrentes, arranjavam-se cônjuges. Estas ocasiões eram particularmente propícias aos homens de letras, seja para oferecer à plateia suas recentes composições, seja obter assinantes para sua folha ou subscritores para seu livro ou, no caso de candidatos à carreira literária, de obtenção de um cargo ou convite para a publicação.

Acredita-se que a biblioteca do *Club Rio Contense* e o espaço do clube como um todo, tenha oportunizado para os cidadãos rio-contenses essas funções a que se referiu Schapochnik. Ao sair do ambiente privado da casa e estabelecerem-se em sede própria, deliberada para tal, “autônomo em relação ao espaço doméstico, e por isso alheio a constrangimentos e hierarquias estabelecidas entre anfitriões e convidados” (BERNARDO, 2001, p. 93), os sócios colocavam-se em igualdade perante as regalias e obrigações dos estatutos. No entanto, além de continuar existindo desigualdades em virtude da sua organização hierárquica, a sede, por outro lado, continuava a ser restrita aos sócios e seus agregados estabelecendo, mais uma vez, a exclusão dos não convidados ou, neste caso, não associados.

O *Club Rio Contense* reunia características que nos levam a qualificá-lo como um espaço de distinção social. A começar por ser uma sociedade composta a partir de critérios seletivos – os sócios gozarem de certo privilégio na sociedade, intelectual e/ou financeiro, o próprio pré-requisito de saber ler e escrever, e, acima de tudo, embora não explícito nos estatutos, a exigência de serem brancos – além de sua preocupação filantrópica – que sempre foi considerada assunto dos ricos<sup>10</sup>.

A presença da biblioteca é interpretada, portanto, não só como local de difusão de leitura, mas ainda um espaço no qual a elite poderia demonstrar sua cultura, educação e letramento. Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 163-164) nos lembra que “o amor bizantino dos livros pareceu, muitas vezes, penhor de sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel”, o que, segundo este autor, revela traços nitidamente senhoriais e conservadoras da nossa intelectualidade, para a qual, muitas vezes, o livro não era mais que objeto de figuração, com vistas à ostentação.

---

<sup>10</sup> cf. nota 4.

Desde o período colonial, as poucas bibliotecas privadas que existiram foram de propriedade de uma pequena parcela da população, geralmente “membros das elites, que combinavam a propriedade (de terras, gado e minas) ou o envolvimento no comércio a ofícios que exigiam uma educação mais esmerada” (VILLALTA, 1997, p. 383). Ainda segundo o autor,

a composição das bibliotecas (número de livros e distribuição desses pelas áreas do saber) dependeu menos da riqueza dos seus proprietários que das carreiras profissionais por eles abraçadas: não era o cabedal portentoso que definia o interesse por livros, e sim os ofícios aos quais as pessoas se dedicavam e o nível educacional por eles exigido, havendo nas bibliotecas um maior número de livros relacionados às profissões de seus proprietários (VILLALTA, 1997, p. 384).

Villalta corrobora com a percepção de Holanda de que a posse do livro passou a ser fonte de saber e signo de privilégio numa civilidade das aparências. Por outro lado, ressalta que, apesar de sua valorização ter se estendido das elites às camadas populares, seus usos foram específicos de acordo os grupos sociais. Ou seja, para as elites políticas e econômicas, seria usado para manutenção da ordem, segundo seus interesses, enquanto para outros leitores poderia ser um recurso para contestar um sistema contra o qual estavam insatisfeitos. De toda sorte, o fetiche do livro é uma permanência.

### Considerações finais

A biblioteca, assim como o *Club*, foi diminuindo seu funcionamento ao longo do século XX. A partir da década de 1980, percebe-se um arrefecimento das atividades da associação, que acompanhou o cenário nacional de declínio dos clubes sociais, completado na década seguinte. Novas formas de sociabilidade surgiram, fazendo com que o clube social deixasse de ser o eixo integrador das famílias. Em seu lugar, desenvolveu-se uma sociedade individualizada, na qual o convívio coletivo na associação deixou de ter sentido para o entretenimento, que encontrou outros espaços para se desenvolver.

A própria feição do *Club Rio Contense* foi, aos poucos, se modificando. Seja no que diz respeito aos requisitos para associar-se, o que implicou numa transformação da sua composição social, seja na condução das atividades que o definiram, as quais se baseavam no tripé *instrução, recreação e beneficência*.

Analisando o livro de registro de movimentação do acervo entre os anos de 1960 e 1979, nota-se que houve uma queda significativa dos empréstimos, se comparado com o dos

primeiros trinta anos. Neste ínterim, a maioria dos livros que compunham o acervo desapareceu, talvez porque com a diminuição da atuação do *Club*, a cobrança do bibliotecário, como determinava o Estatuto, tenha também se afrouxado. Outra determinação do Estatuto previa que, em caso de dissolução da associação, seu patrimônio social seria revertido para os pobres e para as escolas públicas. No entanto, os poucos livros que restaram foram uma parte doada para o Arquivo Público Municipal de Rio de Contas e a outra para a Biblioteca Pública Municipal Desembargador Antonio Carlos Souto.

Buscando enfatizar a importância da biblioteca do *Club Rio Contense* para a vida social e cultural daquela pequena cidade, que permitiu, em certa medida, a democratização da leitura e do conhecimento, reproduzo um trecho do discurso do desembargador rio-contense Antonio Carlos Souto, filho do sócio fundador Carlos Souto, quando da comemoração dos oitenta anos da associação:

[...] No limiar dos estudos secundários, dei de notar a parte cultural desta casa. No salão de leitura, em mesa avantajada, deparavam-se jornais de Salvador e alguns do Rio, aqui chegados com regularidade modelar.

E, à noite, se postavam, em leituras atentas, figuras de prola da nossa sociedade. Seguiam o exemplo dos mais idosos, assistindo animadas discussões sobre temas diversos, inclusive os atinentes à política, notando o vigor, a convicção firme com que defendia o seu ponto de vista – a figura edificante de Adolpho Gottschall. Frise-se que os contendores não perdiam o bom tom e os traços de esmerada educação.

Nas férias, aqui passadas, também me fiz frequentador da biblioteca, no anseio de ampliar conhecimentos e adquirir práticas no manejo correto do vernáculo [...] <sup>11</sup>.

A fala do desembargador deixa clara a importância do *Club* para a sociabilidade da cidade e, especificamente, da biblioteca para a formação intelectual e cultural da sua população. O depoimento reitera as afirmações supra da biblioteca do *Club* como espaço para leituras e discussões de assuntos diversos que interessavam aos moradores, inclusive a política. Neste sentido, podemos afirmar que a biblioteca do *Club Rio Contense* desempenhava um papel privilegiado na formação das mentalidades, isto se ela for pensada como “centros de estudos, locais de sociabilidade culta e de troca de informações e ideias, além de serem lugares de leitura” (BURKE, 2003, p. 56).

Segundo Darnton (1992, p. 213), identificar o “onde” da leitura, como vimos, é mais importante do que se poderia pensar, “pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência”. Assim, ao entendermos a instituição da biblioteca enquanto lugar de memória e de preservação do patrimônio intelectual, e, acima de

---

<sup>11</sup> Discurso proferido pelo desembargador Antonio Carlos Souto, quando da comemoração dos 80 anos do *Clube Rio Contense*, em 14 de janeiro de 1982. Arquivo Municipal de Rio de Contas – AMRC. O nome da Biblioteca Pública Municipal de Rio de Contas é uma homenagem ao desembargador.

tudo, como espaço de democratização do conhecimento, buscou-se descortinar a contribuição da biblioteca do *Club Rio Contense* para o desenvolvimento das práticas de leitura entre os moradores do município de Rio de Contas. Atentos sempre para as transformações ocorridas no universo cultural e social da cidade, na medida em que estas foram em decorrência da maior circulação do livro e da leitura, permitidas pela criação da biblioteca.

---

#### READING AND SOCIABILITY IN THE HIGH INTERIOR OF BAHIA: LIBRARY CLUB RIO CONTENSE (1902-1990)

**Abstract:** In addition to a place of memory and intellectual heritage preservation, the library appears as a space for the democratization of knowledge. On January 14, 1902, was the official creation of the library of the *Club Rio Contense*, the first of the city of Rio de Contas, high backwoods Bahia. This institution has established a new form of sociability for the region, and initiated, albeit incipient, the penetration of reading that community hinterland. Therefore, it is proposed to discuss, from the perspective of the historiography of reading, the importance of this initiative and also analyze how this new social space has helped to foster the development of social and cultural life of the city to allow the circulation of reading.

**Keywords:** Rio de Contas; library; sociability; reading.

---

#### Referências

##### Fontes

ARQUIVO MUNICIPAL DE RIO DE CONTAS – AMRC:

Catálogo Geral da Biblioteca do *Club Rio Contense* (1901-1933).

Catálogo Geral da Biblioteca do *Club Rio Contense* (1960-1979).

Discurso proferido pelo Desembargador Antonio Carlos Souto em comemoração aos 80 anos do *Club Rio Contense*. 14.01.1982.

Estatutos de 1902.

Estatutos de 1919.

Estatutos de 1932.

Relatório da Presidência do ano de 1902.

##### Bibliografia

ARAKAWA, Maria de Lourdes P. e. *As Minas do Rio de Contas*. Salvador: A autora, 2006.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e de preservação – o caso da Biblioteca Nacional do Brasil. *Patrimônio e Memória*. UNESP, FCLAS, CEDAP, vol. 4, n. 2, p. 25-42, jun. 2009.

BARATA, Alexandre. A maçonaria e a ilustração brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos I*(1): 78-99, jul.-out., 1994.

BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em Évora no século XIX*. O Círculo Eborense. Lisboa: Cosmos, 2001.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Nova Série, São Paulo, v. 4.n. 1, p. 35-45, jan./jun., 2008.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 56, *apud* CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O nome da Rosa”. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 4, n. esp., pp. 01-20, 2006.

CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002. Vol.1.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

\_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOUSADA, Maria Alexandre. Sociabilidades mundanas em Lisboa. Partidas e assembleias, C. 1760-1834. *Penélope*. Lisboa: Cosmos, n. 19-20, pp. 129-160, 1998.

MARINHO, Simone Ramos. *A imprensa e a norma para o Bello Sexo: o periodismo feminino na Bahia (1860-1917)*. Salvador: UFBA, 2010. (Dissertação de Mestrado).

MÜLLER, Dalila. *Feliz a população que tantas diversões e comodidade goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2010. (Tese de Doutorado)

NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história local e regional)*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008.

SANGLARD, Gisele Porto. *Entre os salões e o laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas – Rio de Janeiro, 1920-1940*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COC, 2005. (Tese de Doutorado).

SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCHIANI, Stella (org.). *Imagens da Cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; FAPESP, 1993.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel*. São Paulo: Ática, 1993.

SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*. São Paulo: Melhoramentos, 1938. v. II.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo Companhia das letras, 1997.

---

#### SOBRE A AUTORA

**Simone Ramos Marinho** – Doutoranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); bolsista do CNPQ.

---

Recebido em 16/11/13

Aceito em 12/12/13